

INTRODUÇÃO

É com muita honra e satisfação que a Revista LEETRA Indígena acolhe, em seu volume 19, vinte e uma contribuições vindas de diferentes povos originários da Bahia – Pataxó, Payayá, Tumbalalá, Kayapó, Kiriri, Kariri-Xocó, Tupinambá, Kariri, Kaimbé, Tuxá, Kantaruré, Pankararé, Mebengokré, Borum-Kren, Potiguara, Pataxó Hã Hã Hã e Aymara-Peru.

Contribuições variadas e surpreendentes, umas individuais, outras em dupla, e ainda a última que se apresenta a sete vozes. Há aqui textos de teor acadêmico, como há outros que se afinam com as crônicas e, ainda, belos poemas. Fiquei maravilhada com a potência de vozes fortes e melódicas desses diferentes povos indígenas baianos, que se unem aqui, por um lado, para nos contemplar com suas diferenças, por outro para nos mostrar sua força de união em grito uníssono por seus direitos, por seu reconhecimento, pela valorização de suas artes, de suas línguas e de suas culturas; contra o racismo, contra a devastação da natureza, contra o colonialismo, contra uma História até hoje muito mal contada. Vozes que partem de homens e de mulheres, de jovens e de adultos, todos unidos em torno de uma mesma luta.

Feliz o povo que reconhece sua identidade e sua ancestralidade. Feliz o povo que sabe de onde veio e com isso conhece os caminhos por onde andar. Feliz o povo que possui a seu lado companheiros desse mesmo povo e de outros povos com quem seguir e lutar. Neste mundo e nesta época de tantas perdições e desvarios em que nos encontramos, em que tantos jovens renegam sua pátria e acham por bem ir em busca de horizontes estranhos e estrangeiros – na confusão que acaba se formando entre sua Terra, seu Povo e o Estado que se alia com poderes econômicos atroz e desvairados -, é com esperança renovada que posso ver que existe, sim, um outro país no qual vale a pena apostar.

Não, nada é fácil, e essas vozes, se gritam juntas e com a esperança de vir a construir um mundo melhor e mais habitável, também nos mostram, nas linhas e nas entrelinhas de suas falas, as perdas, as mortes, o silenciamento a que são muitas vezes forçadas, o terror, o sangue derramado.

Quem sabe, assim espero, este número de nossa revista já anuncie outros volumes a vir, com vozes de outros povos, de outros estados brasileiros, e assim possamos ir erguendo a tenda, o toldo - como nos disse um dia João Cabral, o poeta pernambucano - que nos una a todos e nos livre da armação que continua sempre se formando, com discursos enganosos, com propostas de barganhas descabidas, que não terminaram nas trocas de ouro por miçangas – continuam!

Que as vozes potentes dos poetas e escritores indígenas baianos aqui presentes acordem e provoquem outras vozes, que nos ensinem, pela própria beleza de suas palavras, a tecer essa rede de palavras de que necessitamos, de palavras fortes, poéticas, vibrantes, corajosas, destemidas.

Não posso deixar de mencionar a importância de Ademario Ribeiro Payayá e de Natalina Bomfim Ribeiro, maestros e regentes de todas essas vozes, não no sentido de atribuírem a elas certo tom ou quaisquer palavras, mas no sentido de terem tido esse carisma sempre necessário para unir e chamar pessoas, dentro de um empreendimento notável, inédito para mim.

Maria Sílvia Cintra Martins

Professora Sênior do DL/UFSCar